



**Memórias (In)visíveis: reflexões
sobre o centro de Campinas-SP**
*(In)visible memories: reflections of the
center of Campinas-SP*

Melissa Ramos da Silva Oliveira

Doutora, AU - UAM, São Paulo, Brasil. melinero@gmail.com

Cláudio Lima Ferreira

Doutor, IA - UNICAMP, Campinas, Brasil. claudiol.f@uol.com.br

Haroldo Gallo

Livre Docente, IA - UNICAMP, Campinas, Brasil.

haroldogallo@uol.com.br

Resumo

Este artigo, de caráter quantitativo e qualitativo, tem por objetivo discutir a relação entre a história e as memórias visíveis e invisíveis dos transeuntes, ocupantes e moradores, doravante denominados usuários do centro do município de Campinas-SP. Neste contexto, o artigo pretende problematizar as relações entre as pessoas, o lugar e a memória, a partir das representações do espaço coletadas entre os usuários da região central na vida cotidiana. Por meio de uma pesquisa de campo, coletaram-se desenhos elaborados pelos usuários da área central da cidade de Campinas, com o intuito de identificar os lugares de memória - lugares apropriados e preservados pela existência de um sentido compartilhado que os diferencia dos demais. No âmbito dessa relação, a paisagem urbana/arquitetônica edificada passou a definir a memória dos lugares nas cidades. Para tanto, foram realizadas entrevistas com os usuários do centro da cidade demonstrando o vínculo entre o indivíduo, o espaço edificado urbano/arquitetônico e a valorização da identidade urbana construída a partir da memória que os indivíduos têm sobre a cidade, seu patrimônio, seus referenciais simbólicos e suas representações. Essas representações suscitam questionamentos sobre a maneira pela qual o patrimônio e a memória têm sido preservados no tempo presente.

Palavras-Chave: lugares de memória, representação, patrimônio, centro, Campinas

Abstract

This article, in a qualitative and quantitative way, aims to discuss the relationship between history and the visible and invisible memories of downtown's users of Campinas city in São Paulo State. In this context, the article intends to discuss the relation of people, place and memory, based on representations of space collected from users on a daily life. By the research field, one was able to collect drawings elaborated by residents and users of the central area of Campinas. Its purpose consists on identifying places of memory – places that are appropriated and preserved through the existence of a shared sense that differentiates them from the others. Within this relationship, the urban / architectural landscape began to determine the memory of places in cities. For this purpose, interviews were conducted with users, demonstrating links between the individual, the urban / architectural city space and the valorization of the urban identity constructed from the memory that individuals retain concerning the city, its heritage, its symbolic references and its representations. These representations raise questions about the way in which heritage and memory have been preserved in the present time.

Keywords: Places of memory, representation, heritage, center, Campinas

INTRODUÇÃO

“A memória é a vida, sempre alcançada pelos grupos viventes (...), ela está em evolução permanente (...), inconsciente das suas deformações sucessivas (...). A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta daquilo que não é mais (...). A memória é um absoluto e a história não conhece outra coisa que não o relativo”

Pierre Nora (1993,9)

A memória é uma evocação do passado¹. Santo Agostinho (1999, 22) revelou que a memória não é simplesmente uma lembrança ou recordação das coisas, mas sim uma maneira de evocar os nossos laços passados, que não podemos mais acessar. O autor destaca ainda que o passado é a nossa história, no entanto sobrevive no presente e justifica muito dos acontecimentos atuais.

¹Este artigo, originado em uma pesquisa de doutoramento, resulta do trabalho do Grupo de Pesquisa mais amplo composto pelos autores, denominado “Restauro, projeto & criação: diálogos de permanência e inovação”, na linha de pesquisa “Restauro e Projeto: procedimentos e fundamentos”, registrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil – CNPQ.

Santo Agostinho (1999, 45) destaca ainda que o ser humano apreende o tempo em três momentos: passado, presente e futuro. O passado é algo distante, que simplesmente já se foi, mas influencia o que somos atualmente. O presente corresponde ao agora, o tempo em que nossas vidas e experiências acontecem no momento atual. O futuro é onde serão finalizados todos os acontecimentos que presenciamos quando determinado período de tempo possa vir a acontecer. Assim sendo, o passado constitui uma abstração que só se torna concreta pela evocação a partir da vivência do tempo presente, e normalmente o fazemos com vistas e projeções ao futuro.

No presente podemos reconstruir a memória. Esse processo de reconstrução é fundamentalmente mediado pela lembrança. Halbwachs (1990, 66) destaca que as lembranças sempre decorrem de um processo coletivo e se inserem num contexto social preciso. Todavia, lembrar não é reconstituir exatamente a vivência ou acontecimento do passado, mas sim reconhecer as coisas que possuem valor e inseri-las dentro do quadro atual.

Valor é termo derivado da economia. É a qualidade pela qual uma coisa é mais ou menos estimada, determinando a importância que ela tem para os indivíduos. Assim, o patrimônio é algo e tem valor no sentido de uma riqueza de ordem não monetária, mas cultural: algo produzido e construído que constitui um legado das gerações precedentes. Esse patrimônio nos pertence individual e coletivamente e esses legados são intrínsecos a determinadas comunidades. Sendo a comunidade um conjunto determinado de indivíduos humanos que compartilham aspectos em comum tais como, etnias, territórios, crenças - frutos de um mesmo processo social -, tem uma história e uma herança compartilhadas entre os indivíduos.

Pollak (1992, p.34) ressalta que a memória é seletiva. Cada mente abstrai e destaca o que não a interessa, foca e registra o que mais lhe atrai, sempre orientada por juízos de valor. A atribuição de valor expressa a capacidade de alguma coisa (tangível ou intangível) responder a uma necessidade humana, passando obrigatoriamente por escolhas mediadas pelos sentidos e

significados. A seleção, fruto do juízo de valor, é sempre referenciada na estima - sentimento positivo que nutrimos por algo -, sendo um traço fundamental na formação de memória e identidade. Não há relação de pertencimento se não houver afetividade, ou seja, “se não nutrimos um sentimento positivo que nos identifica e relaciona com algo”, sem o que a conservação não se justificará. Esses sentimentos estão expressos nos valores e significados que as coisas têm para nós, mas que não estão nelas intrínsecos: são eles resultados das relações mantidas com as coisas, variando com e para os indivíduos, comunidades, temporalidades e espacialidades (Gallo, 2015, 98).

Segundo Ulpiano Bezerra de Menezes (1999, 88), o valor não é imanente aos bens e às coisas. Ele pode oscilar nas seguintes variantes: valor cognitivo (associado à possibilidade de conhecimento), valor formal (que permite a construção do universo do sentido), valor afetivo (que diz respeito às cargas simbólicas elevadas) e valor pragmático (os valores de uso). Enfim, é o resultado das relações dos homens entre si e não somente das relações diretas dos homens com os objetos. A atribuição de valor reivindica a diferença e permite o resgate da memória.

Halbwachs (1990, 83) enfatiza que não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. O autor defende que o espaço oferece a imagem da permanência e da estabilidade por meio das marcas deixadas pelos grupos sociais. Essas marcas podem contribuir para promover lembranças e evocar o passado, constituindo uma importante fonte de testemunho, pois permite o resgate de pessoas e fatos sociais relevantes para os grupos. Nesse sentido, configuram-se os lugares de memória – lugares apropriados e preservados pela existência de um sentido compartilhado que os diferencia dos demais.

Esse artigo coteja as relações entre a história e as memórias significativas do centro de Campinas-SP, com o intuito de identificar os “lugares de memória” reconhecidos pela população.

LUGARES DE MEMÓRIA

Lugares de memória é uma expressão criada pelo historiador francês Pierre Nora (1993, 47) para designar lugares em todos os sentidos da palavra, do objeto material e concreto ao mais abstrato, simbólico e funcional, que apresentam resquícios rememorados e transformados pela história de uma sociedade.

O lugar de memória, que compreende um território, corresponde ao registro e a tudo que o excede, o que equivale dizer que compreende o significado simbólico inscrito no próprio registro. Esses territórios são os lugares onde a lembrança se estabeleceu e afiguram-se como uma nova maneira, não natural, de apresar a memória, visto que não vivemos mais o que eles significam e que a história, como fonte, deles se apropria. São, dessa maneira, paragens materiais (tangíveis) e imateriais (intangíveis) onde se solidifica a memória de uma coletividade, de um país, lugares em que grupos ou povos se identificam ou se perfilam, o que permite o aparecimento de um sentimento de identidade e de concernimento.

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o extremo de uma significação simbólica, é, ao mesmo tempo, um corte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, a um lembrete concentrado de lembrar. Os três aspectos coexistem sempre (...). É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição, visto que se caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida (Nora, 1993, 21).

As cidades são formadas de espaços edificados e naturais que, constituídos de significado, as torna uma região qualificada e as levam a integrar esta comunidade simbólica de sentidos, denominada imaginário. São, acima de tudo, territórios dotados de carga simbólica que os diferencia e identifica. Essas entidades podem constituir-se por um monumento, um museu, uma

personagem, um arquivo, ou ainda, de um símbolo, de um evento ou de uma instituição. Porém, nem tudo se caracteriza como lugar de memória.

Para tanto, esses territórios devem possuir uma “vontade de memória” e demonstrar na sua origem um propósito memorialista que garanta sua identidade. O que os constitui é um jogo entre a memória e a história, uma interação dos dois fatores que leva a sua sobredeterminação recíproca. Sem essa vontade, os lugares de memória são somente lugares de história. Lembrando que memória e história não são sinônimas e são, ao mesmo tempo, narrativas do passado que reconfiguram episódios ocorridos, não sujeitos a repetições.

Não é exato dizer que, para lembrar, é preciso que nos transportemos em pensamento fora do espaço, pois ao contrário, é justamente a imagem do espaço edificado ou natural que, em função de sua estabilidade, nos dá a ilusão de não mudar pelo tempo afora e encontrar passado no presente – “mas é exatamente assim que podemos definir a memória e somente o espaço (edificado e natural) é estável o bastante para durar sem envelhecer e sem perder nenhuma de suas partes” (Nora, 1993, 189).

Todas as cidades são, portanto, possuidoras de história e memória e, igualmente, da comunidade de sentido a qual se intitula identidade. Enfim, a memória é aquilo vivido e sua reconstrução intelectual é a história.

CENTRO DE CAMPINAS

No contexto dessa discussão, cognominar o centro de Campinas como um “lugar de memória” é inteiramente pertinente, visto ele ter adquirido um lugar de destaque na formação da própria cidade e suas transformações ao longo da história. Constitui um lugar com o qual as pessoas se identificam, se lembram e sentem-se saudosos das experiências que nele viveram. Por conseguinte, o que deve ser lembrado constitui tanto memórias conhecidas quanto infinitas histórias anônimas de usuários que por ali

transitaram. Mesmo que tais espaços tenham sofrido transformações radicais e degradação, deixaram marcas e lembranças, que funcionam como padrões de referência identitária para a cidade.

Até o final do século XIX, Campinas foi a maior produtora de café do Estado de São Paulo e uma das principais bases do processo de expansão cafeeira no território paulista. Tal condição deveu-se, por um lado, à própria história social e econômica que marcou a cidade e, por outro, pelo favorecimento de sua posição como importante ponto de confluência de transportes e comunicações. Esse caráter de centralidade tem sido um dos elementos permanentes de estruturação do município na composição da paisagem urbana em seus aspectos formais e culturais.

Para Lapa (1996,54), o centro, desde a formação da cidade, sempre foi o ponto central do comércio, com os armazéns de secos e molhados, pontos de vendas dos produtos de alimentação, vestuários e calçados. Também foi passagem de carros puxados por animais, que circulavam lateralmente ao Teatro São Carlos, demolido em 1922. No centro também trafegaram os primeiros bondes de Campinas.

Segundo Badaró (1996, 76), a transformação de Campinas em principal centro produtor de café trouxe à cidade diversas modificações que alteraram sua fisionomia. Do ponto de vista urbano, as mudanças advindas do café resultaram em vários melhoramentos, dentre os quais se citam: a iluminação pública a gás (1875) e as linhas de bonde de tração animal instalados pela Companhia Carris de Ferro (1879). Na malha urbana, surgiram diversos edifícios voltados ao uso público, como hospitais, escolas e mercados, o que contextualizou na cidade uma vida mais pública, alicerçada em valores burgueses e urbanos. Na arquitetura, um novo estilo se fez presente, o neoclássico, que foi adotado em diversas residências e edifícios institucionais, vindo também alterar muitas construções coloniais. A localização da estação configurou um novo eixo central da cidade, tendo, numa de suas extremidades, a Catedral; logo atrás da mesma, o Teatro São Carlos e, na outra

extremidade, a própria estação. A estação atraiu para si o prolongamento da área comercial de Campinas, já estabelecida nas áreas lindeiras aos largos centrais da cidade que consolidavam a tendência de ocupação norte-sul, seguindo o eixo pré-urbano do caminho dos Guaiases.

Com o desenvolvimento industrial que se impulsionou em Campinas a partir da virada do século XX, outras necessidades urbanas passaram a existir. As ruas estreitas e o aspecto colonial das edificações não estavam de acordo com o espírito moderno de desenvolvimento e o progresso que pretendia a elite campineira. Assim, foi contratado em 1934 para elaborar um plano de remodelação urbana para a cidade, denominado de Plano de Melhoramentos Urbanos. Esse projeto foi proposto pelo engenheiro arquiteto Francisco Prestes Maia.

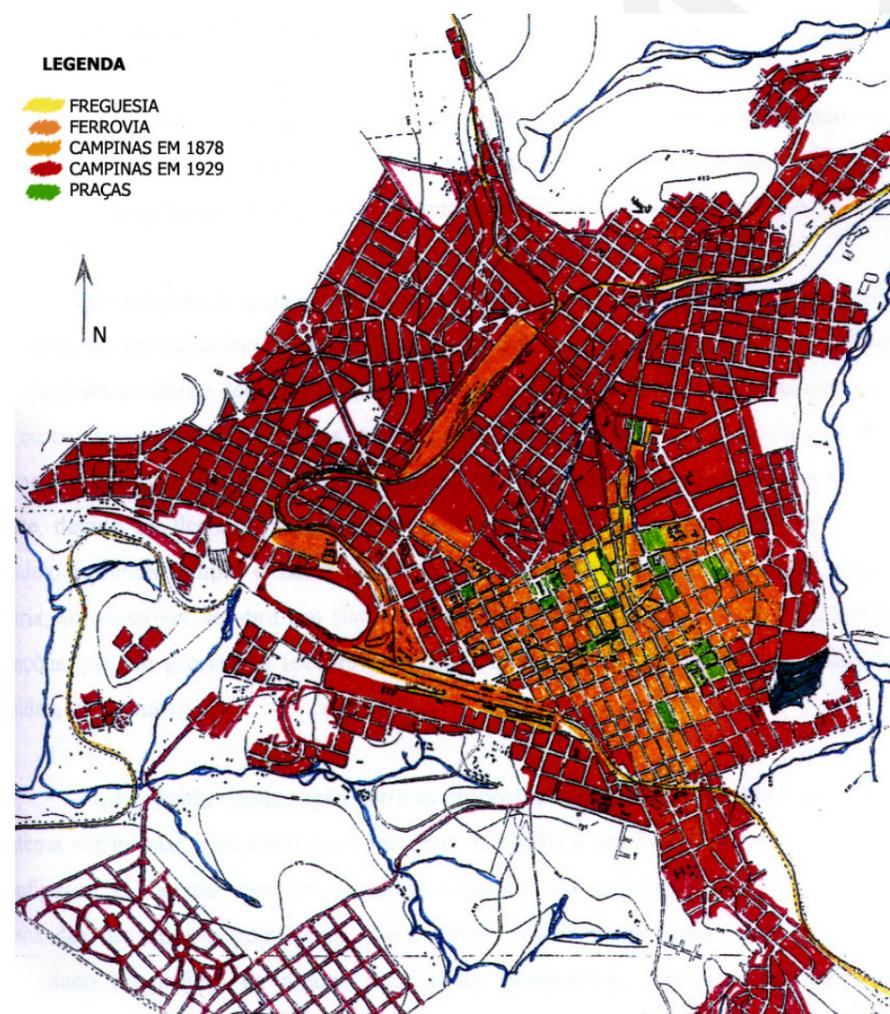


Figura 1: Campinas em 1929. Fonte: Oliveira, 2012

Para Badaró (2002, 65), o centro histórico recebeu tratamento próprio, sendo redesenhado com grande preocupação estética e cívica. Para a questão de circulação, Prestes Maia sugeriu a construção de duas avenidas ortogonais entre si, que cruzassem o reticulado regular da área central. No sentido norte-sul da cidade, a alternativa escolhida foi o alargamento da Rua Francisco Glicério entre as ruas Luzitana e José Paulino. Na direção leste-oeste, optou-se pelo alargamento da Rua Campos Salles. Com a ampliação dessa rua, ela se transformou no novo elo entre a Praça da Estação Fepasa e

o centro principal, que se articulava com uma avenida transversal no centro, a Rua Francisco Glicério.

A verticalização foi um dos ícones da modernidade emergente na primeira metade do século XX, revelada por meio de evoluções tecnológicas e formais, novos programas e maneiras de morar e trabalhar, além de promover uma ruptura na paisagem da área central e produzir uma segregação sócio-espacial evidenciada pelos aspectos físico-estéticos dos edifícios com padrões de construção elevados e sofisticados, confortáveis e funcionais, com área de lazer ampla, grandes sacadas e preços altos.

O centro de Campinas apresenta inúmeras remanescentes que retratam as marcas do processo de sua construção, transformações, adaptações, apropriações e reapropriações sofridas ao longo do tempo. Todavia, como destacar as memórias significativas que podem ser reconhecidas como patrimônio? Quais são os lugares de história e os lugares de memória da área central de Campinas?

ANÁLISES: OS LUGARES DA MEMÓRIA E A MEMÓRIA DOS LUGARES NO CENTRO DE CAMPINAS

Para um maior entendimento sobre os lugares da memória e a memória dos lugares em Campinas-SP, buscou-se identificar a percepção e opinião dos usuários do centro de Campinas por meio de uma pesquisa de campo. Essa pesquisa teve como metodologia² uma análise qualitativa e quantitativa sobre questões singulares dos moradores e suas relações com a memória da cidade.

²Tomou-se como base a Tese de Doutorado de Melissa Ramos da Silva Oliveira. *Intervenções urbanas e representações do centro de Campinas/SP: convergências e divergências*. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012 e o livro de Melissa Ramos da Silva Oliveira. *Intervenções urbanas e representações do centro de Campinas/SP: as inter-relações entre as verticalidades e as horizontalidades nos processos de refuncionalização urbana*. Saarbrücken: Novas edições acadêmicas, 2016.

As pessoas entrevistadas³ responderam um questionário⁴ em que expressaram suas principais lembranças sobre elementos da cidade, com ênfase na memória e no patrimônio⁵.

Para compreender a relação entre memória e cidade, foram estabelecidas, a partir das respostas dos entrevistados, algumas subcategorias - templos religiosos, edifícios/monumentos, ruas/praças – que nortearam a análise. Disso resultou a tabela a seguir, na qual se nota na primeira coluna a pergunta aplicada aos entrevistados, na segunda coluna a classificação por categorias e na terceira a tabulação geral das respostas obtidas.

Como resultado da análise da relação entre memória, cidade e patrimônio, verificou-se que foi o grupo dos mais jovens (até 40 anos), independentemente da classe social e sexo, os que menos indicaram elementos referentes à memória. A faixa de renda com salários superiores a dez salários mínimos⁶ teve a maior representatividade.

Questões	Subcategorias	Subcategorias específicas/ indicações
1. Ao se falar no centro, qual a primeira coisa que te vem à mente?	Templos religiosos (18)	Catedral (14), igrejas (4).
	Edifícios/ monumentos (8)	Prédios antigos (4), teatro demolido (2), mercado (2).
	Outros (10)	Tradição/história/patrimônio (7), infância (2), bondes (1).
3. O que você mais gosta no centro?	Templos religiosos (11)	Catedral (11).
	Edifícios/ monumentos (12)	Prédios históricos (6), Estação Fepasa (4), monumentos (2).
	Outros (8)	Arquitetura (7), ferrovia (1)
4. O que você gostava no centro e se perdeu?	Templos religiosos (1)	Igreja do Rosário (1).
	Edifícios/ monumentos (10)	Estação Fepasa/trem de passageiros (3), Teatro Carlos Gomes (3), Biblioteca Municipal (1), prédios históricos (1), Hotel Terminus (1), monumentos (1).
	Ruas/ praças (3)	Rua Treze de Maio (2), ruas de paralelepípedo (1).
	Outros (10)	Romantismo (3), tradição (2), história (1), bondes (1), Chafariz da Rua Treze de Maio (1), Bonequinhos da Ezequiel (1), ombrelones da Rua Treze de Maio (1).
5. Qual o centro que você gostaria?	Edifícios/ monumentos (12)	Prédios/história preservada (9), como era no passado (9).
6. Quais os espaços/lugares do centro que você mais utiliza?	Templos religiosos (11)	Igrejas (11)
	Edifícios/ monumentos (4)	Centros de cultura (4).
	Ruas/ praças (3)	Regiões arborizadas (3).
7. Qual o patrimônio cultural presente no centro?	Templos religiosos (122)	Catedral (90), Igrejas (20), Igreja do Rosário (2), Universal (1).
	Edifícios/ monumentos (169)	Estação Cultura/ FEPASA (30), Palácio dos Azulejos (22), Palácio dos Jequitibás (19), Jóquei Clube (12), Estátua Carlos Gomes (12), monumentos (11), prédios (10), Mercado Municipal (8), Colégio Carlos Gomes (7), Fórum (5), Museus (5), Puc Central (5), CCLA (4), Teatro Carlos Mendes (4), Correio (3), Prédio do MACC (3), Casa da Saúde (3), Mogiana (2), Sede da Banda Carlos Gomes (1), Monumento Carlos Salles 91, Giovanetti (1), Prédio do Niemeyer (1).
	Ruas/ praças (64)	Praça Carlos Gomes (24), Centro de Convivência (17), Praças (10), Praça do Carmo/Praça Bento Quirino (5), Largo do Rosário (3), Bosque dos Jequitibás (2), Largo do Pará (2), Parques (1).
	Outros (16)	Ferrovia (10), Bares (2), Hotéis (2), Túnel de Pedestre (1), Coreto (1).

Tabela 1: Respostas relativas às perguntas do questionário aplicado na pesquisa de campo. Fonte: Oliveira, 2016

Averigua-se, a seguir, com mais detalhes, a tabela, no sentido de apontar alguns elementos relevantes aos lugares de memória e à memória dos lugares na área central de Campinas. Relativamente ao pensamento, afetividade, imaginação ou perdas no centro de Campinas (perguntas 1, 3, 4 e 5 do questionário), a Catedral foi mencionada 25 vezes e outras igrejas 5 vezes. No

³Na pesquisa de campo, realizada ao longo de 2011, foram aplicados 266 questionários a moradores, transeuntes e usuários, enfim, pessoas que vivenciam o espaço em suas atividades, do centro de Campinas, pessoas de classe social, idade, profissão, renda, procedência e raças diferentes, com o intuito de observar quais são os referenciais de centro identificados pelos entrevistados.

⁴O questionário era composto por questões abertas e semi-estruturadas, nas quais os entrevistados responderam de próprio punho, com liberdade para escrever o que e a quantidade que desejassem, sem nenhum tipo de restrição. Também havia um espaço para as pessoas se expressarem livremente por meio de desenhos. Foi solicitado que elas desenhassem, sem nenhum controle de tempo ou técnica, o que era o centro na sua visão.

⁵Tem-se presente que a pesquisa se desenvolve com claros limites de aferição e de adoção do objeto de análise, em decorrência dos instrumentos conceituais e metodológicos utilizados e do volume de trabalho empreendido. É sabido que os espaços são apreendidos por aspectos perceptivos não representáveis graficamente, ou ainda de difícil descrição verbal. Assim sendo, determinados aspectos que compõem a identificação de um lugar, sendo percebidos por aqueles que a vivenciam, tais como o cheiro da cidade, suas cores, seus sotaques diversos, seus específicos modos de viver e fazer, entre outros, só poderiam integrar este objeto de estudo e análise em processo muito mais amplo e complexo.

⁶Na época de realização dessa pesquisa, o valor do salário mínimo era de R\$622,00, o que equivale aproximadamente a U\$1.492,00.

que tange a edifícios/monumentos, os prédios antigos e históricos, genericamente, tiveram 20 indicações. Com baixa frequência, num máximo de quatro, foram indicados: teatro demolido (Teatro São Carlos), Estação (Fepasa), Teatro Carlos Gomes, monumentos, entre outros. Elementos da subcategoria ruas/prças sofreram pouquíssimos destaques. Sete entrevistados se mostraram preocupados com a perda de tradição do centro, um com a perda de sua história e sete com perdas na arquitetura.

Na questão específica sobre a presença do patrimônio cultural no espaço central, a pesquisa constatou que as igrejas tiveram a menção de cento e vinte e dois inquiridos. A Catedral Metropolitana de Campinas foi lembrada por noventa entrevistados, a Igreja do Carmo por nove, a Igreja do Rosário por dois, a Igreja Universal por um e as igrejas, de maneira geral, por vinte. Diante dos resultados, é suscitada a questão: as igrejas foram lembradas pelo seu valor histórico, artístico ou prevaleceu a religiosidade?

No que concerne aos desenhos elaborados pelos entrevistados, os lugares de memória da região central de Campinas também foram pouco distinguidos. Somente em alguns foi feita alusão aos bens culturais que possuem valor para a cidade. Destacam-se alguns desenhos. No desenho (Figura 2) elaborado por Aline (23 anos, 3-5 salários, secretária), seis bens de grande importância estão evidenciados: Centro de Convivência, Catedral Metropolitana, Mercado Municipal, Prefeitura Municipal, Colégio Bento Quirino e Colégio Progresso. Apesar de representado simbolicamente, o desenho da Catedral destaca a torre de Igreja, um importante marco da paisagem local.

Leonardo (14 anos, 3-5 salários, estudante) no segundo desenho (Figura 2) exibe a escadaria de acesso e a praça defronte ao Palácio dos Jequitibás, sede da Prefeitura Municipal, usado como palco de constantes manifestações e protestos. Um mobiliário urbano - o poste de iluminação de ferro fundido - em frente ao prédio do Jockey Clube, na Praça Bento Quirino, foi destacado por Rosana (41-50 anos, 5-10 salários, professora) no terceiro desenho (Figura 2).

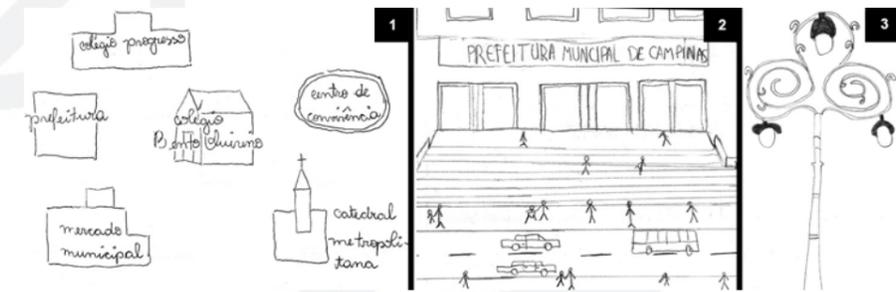


Figura 2: Bens de valor cultural significativo para a cidade de Campinas: edifícios, templos, escadaria da Prefeitura Municipal e o Poste de iluminação situado defronte ao Jockey Clube. Fonte: Oliveira, 2016

Assim como nas respostas às perguntas, a Catedral foi muito evidenciada nos desenhos. O desenho 1 (Figura 3) de Fernando (29 anos, 3-5 salários, publicitário) revela uma simbiose entre elementos verticais marcados pelo skyline de edifícios altos e a torre de uma igreja e a horizontalidade de uma rua que corta o desenho. O grande número de pessoas registradas na imagem leva a crer que se trata da Rua Treze de Maio e a igreja nela representada, a Catedral de Campinas. Ressalte-se que os edifícios altos desenhados com a mesma altura da torre da igreja evidenciam que esse marco simbólico da paisagem perdeu seu destaque em meio aos edifícios altos que a circundam. O segundo desenho da Figura 3, elaborado por José (46 anos, 1-3 salários, zelador) mostra a Avenida Francisco Glicério, também em perspectiva, com a indicação do Largo da Catedral e da Igreja Matriz, com suas torres, no lado direito.

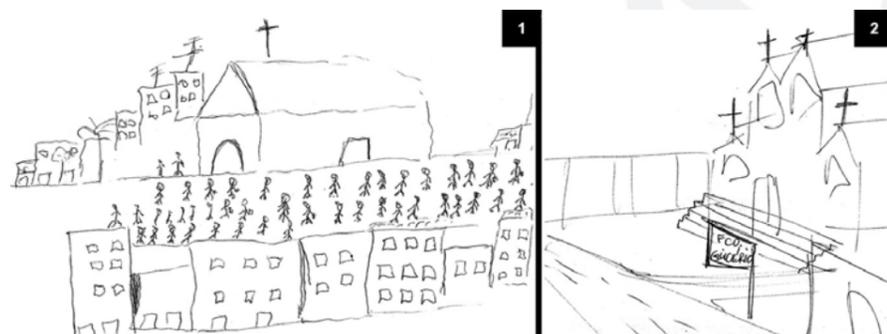


Figura 3: Avenida Glicério: skyline de edifícios altos e a torre da Catedral.
Fonte: Oliveira, 2016

Na Figura 4, o Largo da Catedral, delimitado pelas construções altas do entorno, é registrado em primeiro plano no desenho de Sandra (39 anos, 5-10 salários, arquiteta). A torre da Catedral estabelece o início de um eixo com término na estação Fepasa, paralelo ao traçado das Ruas Treze de Maio e Costa Aguiar, como se observa na foto estampada à direita.

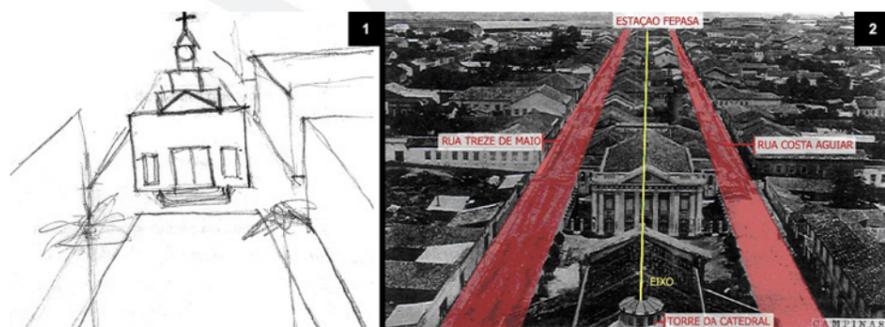


Figura 4: Largo da Catedral e Eixo Catedral-Estação Fepasa
Fonte: Oliveira, 2016

Antes da verticalização do centro, as torres da Catedral e da Estação marcavam visualmente esse eixo e configuravam-se como marcos visual da área central. Atualmente, as duas torres se ocultam no emaranhado de edifícios que delineiam a paisagem do centro. No entanto, o eixo de circulação permanece nas Ruas Treze de Maio e Costa Aguiar.

Na Figura 5, a imagem da esquerda (Letícia, 24 anos, 3-5 salários, designer) estampa uma decoração entre postes, o que corrobora a ideia do espaço defronte à Catedral como um local de encontro, eventos e comemorações. O desenho da direita (Rafael, 17 anos, 5-10 salários, auxiliar de escritório) evidencia o quarteirão em que se situa a Catedral, delimitado pelas ruas Treze de Maio, Costa Aguiar e pela Avenida Francisco Glicério. A Rua Treze é representada por um aglomerado de pessoas e lojas, enquanto a Glicério remete à ideia de congestionamento, em vista da grande quantidade de carros desenhados. A Catedral é delineada com suas torres frontais e o Largo da Catedral, denominado “praça” no desenho, ressalta um espaço público de grande concentração de pessoas diariamente.

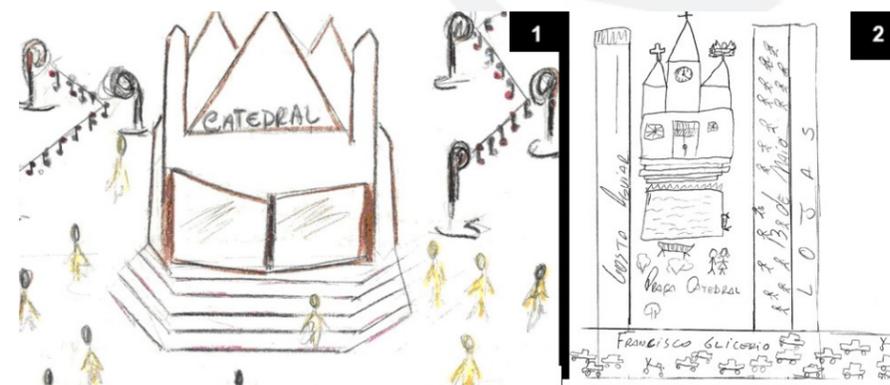


Figura 5: Largo da Catedral com espaço de encontro e vivência.
Fonte: Oliveira, 2016

Os desenhos apontaram para o alto fluxo de pessoas e veículos que circulam pela área central. Evidenciaram um centro cujo contato se faz tanto por pessoas fechadas em automóveis ou nos transportes coletivos, quanto pelo contato físico das pessoas que caminham pelas calçadas, numa demonstração de que os usuários identificam o centro e se apropriam dele de forma distinta.

A rua, a avenida, a praça, o jardim, o passeio são espaços do coletivo, da mescla de pessoas, de hábitos, de opiniões, da apropriação conjunta [...] são espaços de estar, ver, sentir e estão muito distantes da funcional artéria destinada ao deslocamento (Ferrara, 2000,134).

O relógio, mostrado no primeiro desenho da Figura 6 (Homem, 31-41 anos), leva a crer que o prédio da imagem se trata da Estação Fepasa, atual Estação Cultura, um importante exemplar remanescente do patrimônio ferroviário. O segundo desenho (Figura 6) de Julio (46 anos, 5-10 salários, designer) destaca a Praça Carlos Gomes, com o seu coreto e uma série de palmeiras imperiais no canteiro central da Avenida Anchieta, limítrofe da praça.

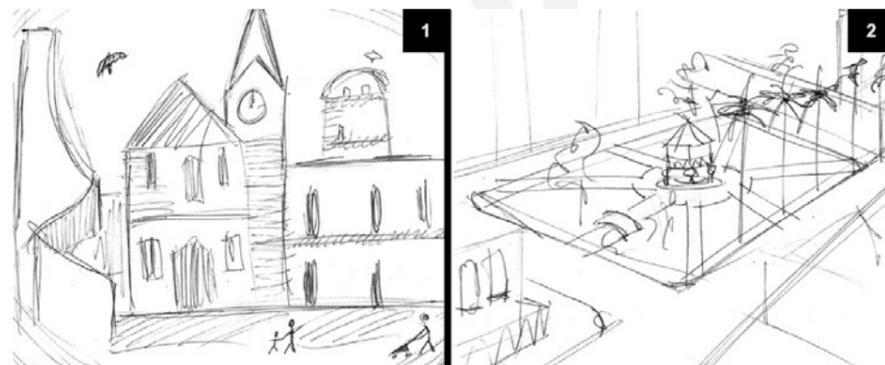


Figura 6: Edifício da Estação Fepasa e sua torre com relógio e a Praça Carlos Gomes com seu coreto e palmeiras imperiais. Fonte: Oliveira, 2016

Halbwachs(1990, 157) destaca que “nosso ambiente material traz ao mesmo tempo a nossa marca e a dos outros”. O modo como os entrevistados expõem sua narrativa mostra essa relação dos lugares com as lembranças.

A narrativa dos entrevistados ressaltou ainda que muitos lugares e bens culturais, apesar de configuraram-se como objetos culturais históricos e socialmente construídos, bem como os marcos simbólicos presentes no centro não foram mencionados pela maioria dos entrevistados, sobretudo os mais jovens, que demonstraram pouco conhecimento em relação ao patrimônio cultural à memória do centro de Campinas.

Essas representações suscitaram questionamentos sobre a maneira pela qual o patrimônio e a memória têm sido preservados no tempo presente. Como destaca Nora (1993, 9):

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à

dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.

Mudanças, transformações e destruição, aos poucos, afetam a memória das pessoas e as afastam de sua origem, seu passado, suas lembranças. Nesse sentido, a pesquisa evidencia que não tem ocorrido “ressonância” (Gonçalves, 2005, 15) entre a população e os lugares que contam a história campineira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa dos entrevistados nos suscitou alguns questionamentos. A primeira indagação é que os lugares de memória destacados pela população talvez não correspondam aos bens culturais e à memória reconhecida pelo Estado. Como ordinariamente a escolha dos bens que sofrem o estudo de tombamento⁷ advém dos próprios técnicos do governo e o parecer final - emanado por Conselhos representativos da sociedade e tradicionalmente constituído de notáveis e especialistas na área-, também é muito influenciado por eles, verifica-se que, geralmente, pronuncia-se aquela memória mais vinculada aos poderes hegemônicos e não à memória praticada nos discursos pelos que frequentam e vivem naquele lugar. Nesse sentido, o poder público filtra, seleciona os bens e estabelece critérios próprios de preservação, nem sempre contemplando os efetivos lugares de memória e a “memória vivida” pela população cotidianamente. Assim, destacamos que o Estado deveria dar maior atenção para a memória praticada pelos habitantes do lugar, na busca de uma maior ressonância entre a população e os bens preservados legalmente pelo tombamento, mesmo compreendendo-se que a memória é construída.

⁷O tombamento é uma declaração de valor de um bem, expressa por uma lei que impede, por meio de restrições administrativas ao direito de propriedade, a sua destruição e assegura a tutela do patrimônio cultural. É o meio pelo qual o Estado reconhece os bens culturais de significativa relevância para a história e para a memória de um lugar.

O segundo questionamento indaga se a falta de ressonância não resultaria também de uma ausência de educação patrimonial, evidenciando a necessidade de se trabalhar a escala do pertencimento e dos enlaces afetivos com a população para uma maior legitimação do patrimônio cultural e dos lugares da história. Destaque-se que o “pertencimento” é um sentido de dupla mão, porque tanto nos pertence, quanto nós o integramos: numa relação dialética ele nos transforma, sendo por nós transformados. Desta forma, sentimos como nosso um bem de valor cultural recebido dos nossos antepassados que estimamos e com o qual nos identificamos, em torno de cuja materialidade agregamo-nos. Daí a ideia de identidade, coisas ou traços com os quais nos afinamos, nossa referência que nos é cara, que estimamos, coisas que desejamos conservar e não desejamos perder. Mas nada disso ocorre sem que conheçamos algo.

Outra hipótese seria a atribuição de um valor negativo ao lugar. A falta de uso, em alguns imóveis da área central, contribui para sua degradação física. Consequentemente, a população atribui um valor negativo ao lugar, pois os valores históricos e sociais são esquecidos ou colocados em segundo plano.

A imagem do centro como o lugar mais importante e seguro também se deteriorou. Verificou-se que a área central, de maneira geral, adquiriu um referencial negativo no imaginário da maioria dos habitantes, que se acostumou com a beleza, a riqueza, a segurança e a limpeza dos shoppings centers localizados em outras centralidades.

O processo de refuncionalização urbana que, nos últimos anos, transformou o centro em um local de consumo, sobretudo popular, também pode ter contribuído para a perda de identificação da população para com estes novos espaços criados. Na refuncionalização urbana, a questão do tempo se transforma em referência fundante pela interferência ocorrida na substância, na tangibilidade e na materialidade do lugar. Tempo não é um conceito estático. As ideias de tempo, longe de serem consensuais, são várias e plurais, diferenciando-se para cada sistema religioso, cultural e social. Contudo, ele é

noção que se modifica com o desenrolar da vida e em face das mutações histórico-culturais. A visão e o significado dos fenômenos passados alteram-se com o próprio tempo: tempos diferentes geram diferentes visões do passado.

Nossa época é impactada, na dimensão do tempo, pela forte “velocidade” dos fluxos dos sistemas de comunicação e pelas alterações tecnológicas. Essa velocidade, hoje excepcional, nos leva à sensação de adensamento temporal: nela comprime-se o tempo num espaço que se condensa e desprioriza como nos sistemas da “internet”. Nosso contexto histórico e o ambiente construído são constituídos por dinâmicas muito mais lentas, numa evidente não sincronia entre os ritmos lentos e estáticos do patrimônio, e rápidos e dinâmicos do processo vital. O choque dos dois estratos temporais - um tangível e o outro intangível - determina uma nova realidade para o ser humano. Rápidas mudanças da matéria trazem uma prevalência dessas sobre o conteúdo: a imagem visual sobrepõe-se, assim, aos conceitos. Com a visualidade prevalecendo sobre os conteúdos, a consciência humana fragmenta-se, com a perda da integridade na percepção do mundo circunstante (Gallo, 2015,99).

O tempo acelerado das mudanças que fragmenta a memória, individual e coletiva, pode, assim, ainda ser outra causa que distancia o indivíduo de sua origem, seu passado e suas lembranças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BADARÓ, Ricardo de Souza. *Campinas: o despontar da modernidade*. Campinas: Centro de Memória/UNICAMP, 1996. (Coleção Campiniana, n. 7).
- _____. *O Plano de Melhoramentos Urbanos de Campinas: 1934-1962*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- MENEZES, Ulpiano T. B. de. “Os usos culturais da cultura. Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais”. In: YÁZIGI,

- Eduardo e outros (orgs). *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- FERRARA, Lucrecia D'Alessio. *Os significados urbanos*. São Paulo: EdUSP/FAPESP, 2000. (Acadêmica, 31)
- GALLO, Haroldo. "Arqueologia, arquitetura e cidade: a preservação entre a identidade e a autenticidade". In: *Patrimônio: atualizando o debate*, São Paulo: IPHAN, 9ª SR, 2015 – 2ª Edição Ampliada.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. "Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônio". *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, 2005.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Laurent Leon Schaffer. São Paulo: Vértice/ Revista dos Tribunais, 1990.
- LAPA, José Roberto do Amaral. *A cidade: os cantos e os cantos. Campinas 1850-1900*. São Paulo: Edusp, 1996.
- NORA, Pierre. "Entre memória e história: a problemática dos lugares". *Revista Projeto História*, n.10. São Paulo: PUC-SP, 1993.
- OLIVEIRA, Melissa Ramos da Silva. *Intervenções urbanas e representações do centro de Campinas/SP: as inter-relações entre as verticalidades e as horizontalidades nos processos de refuncionalização urbana*. Saarbrücken: Novas edições acadêmicas, 2016.
- _____. *Intervenções urbanas e representações do centro de Campinas/SP: convergências e divergências*. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012
- POLLAK, Michael. "Memória e identidade social". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992.
- SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. J. Oliveira e Ambrósio Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1999. Coleção os Pensadores.